

EDUCAÇÃO INCLUSIVA E A ORGANIZAÇÃO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM LEITURA E ESCRITA

Lorena Hermann Martins¹
Maria Elena Pires Santos²

RESUMO III SEPECEL

MARTINS, L. H. **Educação Inclusiva e a Organização de Práticas Pedagógicas em Leitura e Escrita.**

No âmbito educacional e social, a proposta de educação inclusiva traduz a idéia de uma educação de boa qualidade, com acesso a currículos culturalmente valiosos e em tempo completo para todos e com todos, indistintamente. Pesquisas mostram que os professores conhecem o direito dos alunos à inclusão com qualidade, respeitam as diferenças, mas se sentem perplexos, despreparados para trabalhar com as dificuldades, principalmente em relação à compreensão da leitura e da escrita. Considerando o exposto, propõe-se um material didático – em forma de seqüências didáticas - que visa contemplar os estudos, pesquisas e discussões sobre as diretrizes de um sistema educacional inclusivo, com a finalidade de propiciar ensino diferenciado e de qualidade para alunos das salas de recursos de 5ª a 8ª séries, contemplando a leitura e escrita como práticas sociais. Os embasamentos teórico-metodológicos para a elaboração deste material ancoram-se principalmente em Kleiman (1997), Bakhtin (1997), Garcez (2004) e Geraldi (1991). Pretende-se aprimorar as possibilidades do domínio da leitura, escrita e produção, contemplando os diferentes gêneros textuais (Marcuschi, 2002), por entender estas atividades como pressuposto básico de todas as disciplinas .

Palavras-chave : Inclusão. Aluno. Professor. Leitura. Escrita.

A Educação contemporânea vive um desafio para aprimorar a profissão docente que, em consequência das mudanças sociais, políticas e econômicas, se tornou muito complexa. A percepção de que o ensino, salvo raras exceções, ainda está voltado para as classes privilegiadas, tem incentivado a implantação de novas propostas pedagógicas, para as quais nem sempre o professor está preparado. Busca-se um discurso teórico inovador, mas percebe-se que a prática continua conservadora. Poucos assumem o compromisso de adaptar a aprendizagem de acordo com a necessidade dos alunos na comunidade escolar, para que se sintam bem vindos, seguros e alcancem êxitos.

As pesquisas qualitativas desenvolvidas pelos participantes do Grupo de Trabalho em Rede³, no 2º semestre de 2007, mostram que os professores conhecem o direito dos alunos à

¹ Professora PDE/SEED – Turma 2007- Área de Educação Especial – NRE/Foz do Iguaçu – Paraná – Brasil e-mail – lorenahm_foz@hotmail.com

² Professora Orientadora PDE/UNIOESTE –Foz do Iguaçu – Paraná – Brasil – e-mail – mel.pires@hotmail.com

³ Este Grupo de Trabalho em Rede pertence ao Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE – Formação Continuada para Professores da Rede Estadual de Ensino do Estado do Paraná.

inclusão com qualidade, respeitam as diferenças, mas se sentem perplexos, despreparados e inseguros para trabalhar com as dificuldades, principalmente em relação à compreensão da leitura e da escrita. De acordo com Kleiman (s.d.), a leitura e seu ensino configuram-se como um problema social. As dificuldades em leitura e escrita são, quase sempre, classificadas como “erros”, “desvios”, “distúrbios” que só os especialistas podem resolver, conforme argumentam professores. Por isso, os alunos considerados especiais são então encaminhados para um serviço de apoio em contra-turno. Esse apoio pedagógico geralmente prioriza o reforço dos conteúdos dados em sala de aula em detrimento de um trabalho com a leitura significativa e a compreensão e registros de textos escritos, que responderiam mais adequadamente às necessidades maiores dos alunos.

Considerando o exposto, proponho um material didático que visa contemplar os estudos, pesquisas e discussões sobre as diretrizes de um sistema educacional inclusivo, com a finalidade de propor ensino diferenciado e de qualidade para alunos das salas de recursos de 5ª a 8ª séries, contemplando a leitura e escrita como prática social, articulando-se este trabalho com os princípios políticos pedagógicos da SEED.

Pretende-se aprimorar as possibilidades do domínio da leitura e escrita por entender estas atividades como pressuposto básico de todas as disciplinas, para assim possibilitar ao aluno o sucesso na escola.

Pode-se entender que as práticas da linguagem como fenômeno de uma interlocução viva perpassam todas as áreas do agir humano potencializando, na escola, a perspectiva interdisciplinar. Considerando a dimensão dialógica da linguagem, Kleiman (1989, p.18) coloca que se acreditamos que “estes enfoques que partem do princípio que linguagem é interação trazem resultados positivos, válidos, defensáveis,” torna-se de fundamental importância complementar a formação do professor para que ele possa compreender os fundamentos teóricos de uma proposta nesta linha, avaliar a situação de seus alunos e tomar decisões que levem à mudança.

Essas considerações induzem-nos a analisar a proposta das escolas frente à diversidade social, econômica e cultural existente em nossa sociedade, para que se repense a tradicional organização da prática pedagógica, predominantemente centrada no ensino e não na aprendizagem. Dentre outros aspectos,

... precisamos de escolas de boa qualidade, acessíveis a todos, que estimulem e aumentem a participação e reduzam a exclusão de crianças, adolescentes, jovens e

adultos das comunidades escolares, compreendendo a inclusão como um processo permanente e dependente de contínua capacitação dos educadores, levando-os a promover o desenvolvimento pedagógico e organizacional dentro das escolas regulares. (CARVALHO, 2004, p.88).

Neste processo, os fundamentos teóricos que alicerçam o presente estudo em relação às práticas de ensino da leitura e da escrita na escola, requerem maior aprofundamento para a compreensão dos conceitos sobre leitura, escrita, letramento e gêneros textuais, fundamentais na organização e desenvolvimento da proposta de intervenção na sala de aula com alunos encaminhados para a sala de recursos.

Vale salientar que este trabalho está embasado, primordialmente, na concepção de leitura como prática social que, conforme Kleiman (s.d., p.03), apresenta-se “com múltiplas funções e inextricavelmente relacionada aos contextos de ação”. Para a autora (1997, p.10), “ao lermos um texto colocamos em ação todo o nosso sistema de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que se deu nossa sociabilização primária, isto é, o grupo social em que fomos criados,” considerando esta uma “prática social que remete a outros textos e outras leituras”.

Com a finalidade de contribuir para que o aluno possa agir sobre o seu próprio conhecimento, Kleiman (s.d., p.07) aponta como importante a elaboração de perguntas em relação ao texto a ser lido, para definir objetivos para a leitura. Desta maneira “antecipam-se informações e criam expectativas sobre o que será lido”, contribuindo para a construção do sentido do texto. Ainda conforme a autora, “a utilização eficiente de todos os conhecimentos que o leitor julga relevantes para a compreensão do texto que está lendo é uma estratégia conhecida pelo nome de ativação do conhecimento prévio”. Os conhecimentos prévios também podem orientar o professor para a formulação de seqüências e passos para a aula, inclusive a escolha do gênero, oportunizando o contato real com a multiplicidade de textos produzidos e que circulam socialmente.

Com esta abordagem do trabalho com o texto na sala de aula, acreditamos dar respostas a problemas relacionados ao baixo aproveitamento escolar do aluno nas diversas disciplinas do Ensino Fundamental, procurando contribuir para que o aluno desenvolva, “estratégias de leitura cada vez mais complexas, porém passíveis de resolução desde que o aluno tenha orientação de um adulto ou colega mais proficiente” (conf. Kleiman, 1997, p. 09).

Mediante este processo, o aluno “estará se formando como leitor, isto é, estará construindo seu próprio saber sobre o texto e leitura”. Sendo assim, ainda conforme a autora (1997, p.10) “a aprendizagem que se dará nessa interação consiste na leitura com compreensão”.

Acreditamos, como Kleiman (*op. cit.*: 10), no posicionamento de “Vygotski e pedagogos neovygotskianos, que a aprendizagem é constituída na interação de sujeitos cooperativos que têm objetivos comuns.” Todo o aluno, principalmente aquele com maiores dificuldades de assimilação, segundo a autora, “deve conhecer o objetivo da tarefa e deve estar plenamente convencido de sua importância e relevância” (p. 10).

A leitura como prática social implica, por sua vez, numa concepção de aula de leitura como um evento de letramento. Kleiman (1995:19) define letramento como “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita em contextos específicos para objetivos específicos” sendo que “o objeto da aprendizagem é configurado pelas necessidades e características do grupo”. Embora as atividades possam ser diferentes, a prática tem o mesmo objetivo: “o de aprender a usar a língua escrita para fazer novos sentidos do mundo, para desenvolver a si mesmo e para contribuir para o desenvolvimento do grupo”.

Para BUNZEN (2006), a escrita como prática social é um processo em que o escrevente assume-se como locutor. A preocupação volta-se para os contextos de produção e de recepção dos textos (quem está falando, com quem, com que objetivos, de que forma, etc.), ou seja:

1. ter o que dizer;
2. ter razões para dizer o que tem a dizer;
3. ter para quem dizer o que tem a dizer;
4. assumir como sujeito que diz o que diz para quem diz;
5. escolher estratégias para dizer (BUNZEN, 2006, p. 149)

Nesta perspectiva, convém lembrar que:

... qualquer contexto social ou cultural que envolva a leitura e/ou a escrita é um evento de letramento, o que implica a existência de inúmeros gêneros textuais, culturalmente determinados, de acordo com diferentes instituições comunicativas reais, onde o aluno poderá contribuir com seu conhecimento na interação com o objeto de estudo, mediados por parceiros mais experientes (BEZERRA, 2002, p.40).

Para a compreensão do conceito de gêneros textuais, nos apoiamos em Marcuschi

(2002, p.25) para quem os “gêneros são formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos”. Ainda, segundo o autor, “eles são eventos lingüísticos, mas não se definem por características lingüísticas: caracterizam-se enquanto atividades sócio-discursivas”. Sendo assim, como afirmou Bronckart (1999:103, *apud* Marcuschi, 2002:29) “... a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”.

Para Bakhtin (1997), a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual. Esta posição é adotada pela maioria dos autores que tratam a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos, e não em suas peculiaridades formais. Esta visão, como expõe Marcuschi (2002, p.22), “segue uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva que privilegia a natureza funcional e interativa e não o aspecto formal e estrutural da língua”. Segundo o autor, “é neste contexto que os gêneros textuais se constituem como ações sócio-discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo”.

Com o intuito de desenvolver uma proposta pedagógica que contemple diferentes gêneros textuais, é fundamental salientar ainda que:

Os gêneros são uma espécie de armadura comunicativa geral preenchida por seqüências tipológicas de base que podem ser bastante heterogêneas, mas relacionadas entre si. Quando se nomeia um certo texto como “narrativo”, “descritivo” ou “argumentativo”, não se está nomeando o gênero e sim o predomínio de um tipo de seqüência de base (MARCUSCHI, 2002, p.27)

Além disso, concordamos com a afirmação de Pinto (2002, p.57) que ressalta a importância do aprendizado dos gêneros “no processo de socialização do aprendiz nos modos de organizar o conhecimento e na maneira de representar suas percepções e seus conhecimentos para os outros”.

Enfim, a partir desta apresentação, pode-se inferir que a organização de práticas pedagógicas que propõem a abordagem dos gêneros textuais pode ser uma interessante oportunidade de se trabalhar na escola com a leitura e escrita como prática social, oportunizando-se a construção do conhecimento dos alunos de diferentes níveis e ritmos de aprendizagem.

Considerando essa perspectiva, elaborou-se uma planilha, conforme atividade abaixo, com sugestão de “Roteiro para o Desenvolvimento de Práticas de Leitura e Escrita”, com a

contribuição do Grupo de Trabalho em Rede do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE – do Estado do Paraná, baseada na proposta de Geraldi (1984, p. 95) que propõe três práticas interligadas: “a) prática da leitura de textos; b) prática da produção de textos e c) prática da análise lingüística,” objetivando ultrapassar a artificialidade da sala de aula quanto ao uso da linguagem e possibilitar o domínio da língua padrão. A partir do roteiro, construiu-se uma “Seqüência Didática com o Gênero Textual Música”, como Material Didático para ser utilizado pelo professor da Sala de Recursos, no desenvolvimento das aulas. Assim, o professor de sala de recursos, juntamente com os professores das diversas disciplinas do Ensino Fundamental, poderão desenvolver planejamentos de propostas transdisciplinares com seqüências didáticas que considerem o grupo social a que pertence o aluno e seus interesses, para motivá-lo a agir sobre o seu próprio conhecimento, remetendo-o à busca de novos textos e outras leituras.

ROTEIRO PARA O DESENVOLVIMENTO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM LEITURA E ESCRITA

1. PROCEDIMENTOS ESTRATÉGICOS DE LEITURA

- Disponibilizar aos alunos diferentes gêneros textuais que respondam às diversas expectativas de acordo com sua realidade social (notícia, carta, reportagem, e-mail, manuais, anúncio, caricaturas, fotografias...).
- Definir objetivo claro para a leitura (o aluno lê porque tem algum objetivo).
- Determinar escolhas pessoais (o aluno lê porque tem interesse).
- Criar condições para o aluno fazer predições sobre o conteúdo, baseadas no seu conhecimento de mundo (O que você sabe sobre x? O que você gostaria de saber sobre x? O que o texto diz sobre x? O que ainda faltou responder?...)
- Explorar o conhecimento prévio referente ao assunto, autor, época da obra e gênero.
- (Qual é a opinião do autor? Quais são as informações novas que o texto veicula? O que este autor pensa desse assunto? Em que discorda dos que já conheço? O que acrescenta à discussão? Qual é o conceito, a definição desse fenômeno? Como ocorreu este fato? Onde? Quando? Quais são suas causas? Quais são suas conseqüências? Quem está envolvido? Quais são os dados quantitativos citados? O que é mais importante neste texto? O que devo anotar para utilizar depois no meu

trabalho? Qual é o gênero textual utilizado pelo autor? Quem escreveu o texto? Qual o leitor pressuposto? Qual o portador do texto? Onde o texto circula?).

- Promover estudos específicos sobre os mais variados gêneros textuais, levando em consideração os diversos interesses suscitados pelos alunos (Ex.: cartas, notícias de jornal, manuais, bulas...).
- Comparar os diferentes gêneros textuais, focalizando a função sócio-comunicativa e a relação existente entre eles. (Ex.: texto literário e texto científico).
- Relacionar o texto a outros já conhecidos ou lidos.
- Associar idéias relevantes de acordo com o tema explorado.
- Fazer predições através de formulação de hipóteses de leitura (os alunos, a partir do tema, podem defender hipóteses divergentes e construir argumentações sólidas para defender os seus posicionamentos).
- Identificar palavras-chave para entender e reconstituir o sentido do texto, até mesmo para facilitar a elaboração de um esquema ou síntese.

2. LEITURA E PRODUÇÃO (Exploração da Leitura e da Escrita numa Sequência Didática)

- Conversar com os alunos sobre gostos, interesses, participações e conhecimentos.
- Definir um tema, fazendo predições, perguntas e comentários com a turma para se chegar a escolhas de texto, que tenham relevância e interesse para os alunos, contemplando diferentes gêneros textuais,, com o objetivo de alargar o desenvolvimento acadêmico nas diversas áreas do ensino (Português, Ciências, Geografia, História, Matemática, etc...).
- Visitar a biblioteca e levar para a sala textos jornalísticos, de revistas e de livros com registros sobre o assunto.
- Ler os textos selecionados.
- Relatar a idéia do texto com vistas á sistematização.
- Complementar a idéia do autor, acrescentando outras idéias de acordo com o conhecimento do leitor.
- Explorar os diversos gêneros textuais trazidos para a sala de aula, mostrando a

importância da escrita como registro da história dos homens, sua evolução e função.

- Desenvolver seqüências didáticas, contemplando os textos escolhidos pelos alunos, provendo diferentes construções de acordo com o gênero textual música que consta neste trabalho.

3. EXPLORAÇÃO DA ANÁLISE LINGÜÍSTICA

- Destacar marcas lingüísticas que mostram a intenção do autor para com seu leitor. Ex.: **Você** em vez de **vocês** (construção de uma relação mais próxima); uso da impessoalidade, etc.
- Rer os textos produzidos e identificar os recursos de coesão utilizados (a ordem das palavras no período, as marcas de gênero e de número, as preposições, os pronomes pessoais, os tempos verbais, os conectivos funcionam também como elos coesivos).
- Organizar as idéias numa rede de significados e entrelaçar gramaticalmente as frases e os períodos, estabelecendo a coesão (articulações que estabelecem relações das idéias).
- Explorar a coerência textual, identificando as estruturas básicas para compreender o funcionamento do texto, lançando perguntas ao texto (Quem escreve? Que tipo de texto é? A quem se destina? Onde é veiculado? Qual é o objetivo? Quais são as idéias principais? Quais são as partes do texto que apresentam objetivos, conceitos, definições, conclusões? Quais são as relações entre as partes?)
- Elaborar questionamentos que levem o aluno a eleger a palavra que mais combina com o contexto, que é a mais exata para a idéia que se quer transmitir (identificação de palavras conhecidas e desconhecidas, mostrando ao aluno que nossas escolhas não são neutras).
- Observar nos textos, estruturas sintáticas e gramaticais relevantes para a compreensão da leitura (o texto está correto quanto às exigências da língua padrão ou outras variedades? As transições entre as idéias estão corretas e claras? Os conectivos são adequados às relações entre as idéias? A divisão de parágrafos corresponde às unidades de idéias?).
- Analisar a linguagem aplicada ao texto (O estilo da linguagem é formal ou informal?)

A linguagem está adequada à situação? A opção escolhida tornou o texto harmonioso ou há oscilações súbitas e inadequadas?).

SEQÜENCIA DIDÁTICA COM O GÊNERO TEXTUAL MÚSICA

- Motivar os alunos com perguntas referentes ao gênero e ao tema:
- Vocês gostam de música?
- Que tipo de música vocês ouvem?
- Quando ouvem música?
- Motivar os alunos com perguntas referentes ao gênero e ao tema:
- As músicas ouvidas são através de qual meio de comunicação (rádio, MP3, computador, televisão, CDs, DVDs ou outros) ?
- Todas as músicas têm o mesmo ritmo e melodia?
- Vocês acham que a atração e o consumo da música são condicionados ao gesto e à voz de quem canta, ou existe outro motivo?
- Então, o que é uma canção?
- Vocês sabem diferenciar a poesia da canção?
- Agora, vamos ouvir a canção: “Planeta Azul” de Guilherme Arantes do CD original “20 Músicas do século xx”, fabricado pela Microservice – Indústria Brasileira.
- A música “Planeta Azul” é sustentada mais pela letra ou melodia?
- Vamos ler a letra?
- Já podemos cantá-la?
- Quando lemos a letra apresentamos o mesmo perfil entonacional de quando cantamos (voz que fala e voz que canta) ?
- Alguém poderia dizer qual o esquema de notas musicais o cantor usou para expressar a música “Planeta Água”?
- “Guilherme Arantes” faz uma música brasileira contemporânea que desconhece limitações. Compõe belas harmonias. “Planeta Água” pode ser considerado um hino ecológico desde 1981, quando foi gravada, muito antes do meio ambiente virar moda.

Transformou-se numa música clássica. Vocês conhecem as demais músicas gravadas no mesmo CD? Vamos ouvi-las?

- Qual o tema central das canções ouvidas, do mesmo CD?
- Vocês conhecem outras músicas que defendem a causa ecológica, principalmente a preservação da água potável?
- Vamos ouvir a música “Planeta Azul” de Chitãozinho e Xororó. Agora que você leu, cantou e ouviu a música, faça uma comparação com a música “Planeta Água” de Guilherme Arantes, encontre semelhanças e diferenças quanto às mensagens, apelos, informações e linguagem de cada uma.
- Volte analisar a letra da canção “Planeta Água” e destaque expressões que comprovam algumas relações que Guilherme Arantes faz do homem com a água (relação afetiva, relação de trabalho, relação de dor, relação de convivência harmoniosa, relação de perenidade ou de reaproveitamento).
- Levar os alunos a uma estação de tratamento de água para conhecer o processo de decantação e filtração da água.
- Elaborar um planejamento em grupo com os alunos, objetivando a construção de uma maquete ou desenhos sobre as fases de tratamento de água observadas, mostrando o abastecimento de água na cidade (o caminho da água, desde a fonte até chegar às casas, e a saída, já como esgoto).
- Solicitar aos alunos trazerem contas de pagamento de água das residências, mostrando os campos dos registros do volume de água consumida, o período e o valor pago; estabelecer ações de economia.
- Fazer uma pesquisa local com as autoridades dos órgãos responsáveis pelo Meio Ambiente (Secretaria do Meio Ambiente, SANEPAR, Itaipu, Instituto Ambiental do Paraná e outros), sobre os projetos desenvolvidos para a preservação de nascentes de águas no município, o combate à poluição das águas (como lixo residencial e industrial, agrotóxicos, esgotos) e outros como “Cultivando Água Boa”, Canal da Piracema.
- Buscar em jornais matérias sobre a situação da água no Planeta Terra. Expor os textos em um mural que mostre as informações negativas e outro que mostre as informações positivas.

- Apresentar aos alunos o texto informativo “Planeta Água” do Jornal Riograndense, objetivando o conhecimento de outro tipo de texto pelo aluno, para ampliar sua capacidade discursiva em atividades de uso da língua e compreender outras adequações da linguagem, como: argumentação, situacionalidade, intertextualidade, referência e informatividade, promovendo relações inter e transdisciplinares.
- Explorar o conhecimento prévio dos alunos referente ao tema, autor, época e gênero. (Qual é a opinião do autor sobre o tema? Quais são as informações novas que o texto veicula? O que acrescenta a discussão? Quem está envolvido? Quais são os dados quantitativos citados? O que é mais importante neste texto? Quem escreveu o texto? Qual o leitor pressuposto? Onde o texto circula?)
- Comparar os diferentes gêneros textuais, focalizando a função sócio-comunicativa e a relação existente entre eles (texto canção e texto informativo).
- Clarear informações sobre a imprensa jornalística e a variedade de circulação de diferentes tipos de textos.
- Focalizar a relação entre a manchete, o resumo e o texto, propriamente dito, dentro do jornal.
- Demonstrar a diferença entre o relato dos fatos e a expressão de uma opinião sobre o fato.
- Discutir a importância dos registros escritos sobre o que acontece na cidade e no mundo, sobre o tema água.
- Construir, com os alunos, textos para a publicação do jornal da escola, a partir do tema discutido e a pesquisa realizada. Ilustrar com fotos, charges e desenhos (pode-se usar o computador, a máquina fotográfica e cópias).
- Propor a análise com os alunos (considerando os enfoques do tema que se está trabalhando) dos textos “notícias” produzidos, para publicação no jornal da escola ou cidade, com vistas à refacção.
- Apresentar as notícias escritas, num jornal falado, criado pelos alunos.
- Encaminhar alguns textos analisados e corrigidos, sobre o tema água, para serem editados no jornal da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão ao exposto, pode se afirmar que o trabalho com seqüências didáticas é uma grande oportunidade de trabalhar a leitura e escrita como prática social e suas múltiplas funções, com alunos das salas de recursos de 5ª a 8ª séries.

Em resposta às inúmeras e significativas reflexões sobre o direito de todos à educação com qualidade, estabeleceu-se um planejamento com estratégias de ação que possam dar rumo e consistência ao trabalho do professor, contribuindo com as propostas de educação inclusiva na rede pública de ensino.

Apropriando-se das sugestões desenvolvidas neste material didático, oportuniza-se ao aluno entender o caráter dialógico da linguagem, a relação entre a língua e a vida, estabelecendo uma inter-relação entre as atividades de leitura, produção, e análise lingüística.

Espera-se que o roteiro com seqüências didáticas elaborado seja um esquema coerente para proporcionar de maneira organizada e lógica situações adequadas de estudo, de leitura e escrita no serviço de apoio especializado, podendo estender-se sua aplicação também ao Ensino Fundamental.

Sem pretensão de apresentar uma proposta milagrosa, fica o desafio para todos testar, concordar, discordar, acrescentar, retirar, modificar de acordo com a construção de cada professor, da realidade social dos alunos e do projeto político de cada escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BEZERRA, M.A.; DIONÍSIO, A.P.; MACHADO, A. R. (orgs.). **Gêneros Textuais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

BUNZEN, C. **Da era da composição à era dos gêneros: o ensino de produção de texto no ensino médio**. Em: BUNZEN, C. e MENDONÇA, M. (Orgs.) **Português no Ensino Médio e Formação do Professor**. São Paulo: Parábola, 2006.

BORDIGNON, T. **Sala de Aula: Planeta Azul**. Disponível em: <http://www.newwebdirectory.com/>

CARVALHO, R. E. **Educação Inclusiva: com os Pingos nos is**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

GARCEZ, L.H.do C. **Técnica de Redação: o que é preciso saber para bem escrever**. 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KLEIMANN, Â. **Oficina de Leitura: teoria e prática.** Campinas, SP: Pontes, 1997.

_____. **Ensino do Português: a formação do professor leitor, autor e analista de textos.** Prepes Virtual. Educação Sem Distância. PUC Minas Virtual.

_____. **Leitura: Ensino e Pesquisa.** Campinas, SP: Pontes, 1989.

MARCUSCHI, L.A. Exercícios de Compreensão ou Cópiação nos Manuais de Ensino de Língua? **Em Aberto**, Brasília, ano 16, n.69, jan./mar.1996.